

Luis Veiga Leitão nos 15 anos da sua morte

Entendida a poesia como matéria de renovada criação expressiva ou mesmo claramente assumida como "arma" poética, pode dizer-se que, logo no primeiro livro de Veiga Leitão, se adivinhavam as linhas de um singular percurso rebelde e dorido, marcado ainda e sempre pela paixão e revolta que, como observara Jorge de Sena em relação a *Latitude* (1950), evidenciava "a sua simplicidade ingénuo e forte, que transcende todo o literatismo apaixonado em que muito neo-realismo se perdeu". Mas foi com *Noite de Pedra* (1955) que este poeta português de sentida saudade, enquadrando-se nitidamente na segunda vaga do neo-realismo, confirmou a qualidade maior de ser uma das vozes mais representativas da sua geração, mesmo hoje que passam quinze anos sobre a sua morte física e na lembrança de completar noventa anos se ainda vivesse.

Após um longo silêncio em que o poeta se fechou no seu canto, viajou pelo Mundo, ouviu os comentários de muitos críticos e estudiosos, consolidou as impressões sobre as leituras do seu universo poético, surgiu *Ciclo de Pedras* (1964) antes de se radicar no Brasil por alguns anos e sempre cantando: "*No silêncio do caminho aberto / quanto maior a alma maior o deserto, / maior a sede e a miragem / do mundo à nossa imagem*". E assim essas "imagens" do mundo, amassadas e pressentidas por dentro, na realidade do canto e do sonho, o Poeta as pôde cantar de forma mais grave e violenta em *Noite de Pedra*, porque foi nesse celebrado livro que Luís Veiga Leitão alcançou a dimensão mais depurada da sua expressividade. E, sendo apenas o desejo de cantar a solidão e o desespero, revelou-se como a forma de comunicar com os que estavam para lá das grades, nesse mundo fechado e violento, que se ergueu como símbolo de revolta e de insatisfação, mas também de memória e paixão, porque o sol não entrava nesse mundo ou este não corria à medida dos sonhos sempre sonhados, a "sentinela" não dormia e o seu canto podia ainda ser entendido ou decifrado. Mas tantos anos passados e esquecida a realidade humana e política que lhe subjaz, *Noite de Pedra* representa esse limite perfeito que resumia todas as preocupações do poeta e assim as transmitia descarnadas do que era inútil ou desnecessário, porque os poemas eram talhados em imagens desossadas, secas, quase vibráteis para poderem exprimir o sentido mais essencial do discurso dessa paixão e revolta de tantos anos: "*Noite de pedra / cerração de muros / arames farpados / grades de ferro / nas campas rasas / duma luz morta*".

Por isso, na distância dos anos, *Noite de Pedra* é ainda um livro-símbolo de tantos protestos e gritos lançados em noites de pesadelo fascista, não por dizer isso clara e bem declaradamente, mas porque os poemas de Veiga Leitão se forjaram na consciência dilacerada de uma revolta asfíxiada, enclausurada e sempre livre, entre o canto e a paixão de querer que as coisas da vida e do mundo de facto se alterassem: "*Fora, na vida tumultuária, / foste uma doce e boa companhia, / mas aqui, muito mais, Poesia, / foste necessária*".

Por entre a releitura dos seus poemas e neste renovado contacto com o Poeta de *Latitude*, sabemos como quinze anos passados depois da sua morte continua vivo e caminha ainda a nosso lado. E, sem nenhuma irreverência, dizemos que a memória de Luís Veiga Leitão se não perde na distância do tempo, na evocação da cidade que hoje o perpetua numa das suas artérias, muito perto de uma outra que é a Rua da Saudade, e ouvi-lo cantar como um certo "Catulo da Paixão Portuguesa" por esta cidade que foi sua de muitos e largos anos:

*Minha cidade de funduras compactas
granitos "dente de cavalo"
entre as quais corre uma língua
de espelhos marginais,
granitos que sobem no ímpeto das torres
e olham, olhos fechados, o sonoro
poente das clarabóias, íris ardendo
Pedras da minha pedra
onde moro e morro.*

LUIS VEIGA LEITÃO
OBRA COMPLETA
Ed. Campo das Letras / Porto.